

Maiores altas do Ibovespa em 2024 até junho

| Empresa | Código | Retorno (%) |
|------------|--------|-------------|
| BRF SA | BRFS3 | 64,16 |
| Embraer | EMBR3 | 61,46 |
| JBS | JBSS3 | 29,55 |
| Marfrig | MRFG3 | 27,42 |
| Cielo | CIEL3 | 25,38 |
| Cemig | CMIG4 | 17,48 |
| Weg | WEGE3 | 15,43 |
| Petrobras | PETR3 | 13,81 |
| San Martin | SMT03 | 13,20 |
| Petrobras | PETR4 | 12,78 |

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Maiores quedas do Ibovespa em 2024 até junho

| Empresa | Código | Retorno (%) |
|----------------|---------|-------------|
| Azul | AZUL4 | -54,15 |
| Yduqs Part | YDUQ3 | -52,74 |
| Cogna | ONCOGN3 | -49,28 |
| Cvc Brasil | CVCB3 | -44,00 |
| Magazine Luiza | MGLU3 | -43,86 |
| MRV | MRVE3 | -40,52 |
| Vivara S.A. | VIVA3 | -37,85 |
| Pão de Açúcar | PCAR3 | -33,50 |
| Localiza | RENT3 | -32,71 |
| Lwsa | LWSA3 | -32,6 |

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Rentabilidade das ações de empresas gaúchas em 2024 de janeiro a junho

| Empresa | Código | Retorno (%) |
|--------------|--------|-------------|
| Marcopolo | POMO | 412,57 |
| Graziotin | CGRA | 30,54 |
| SLC Agrícola | SLCE3 | -3,07 |
| Gerdau | GGBR4 | -5,42 |
| Kepler Weber | KEPL3 | -8,82 |
| Banrisul | BRSR6 | -12,04 |
| Randon Part | RAPT4 | -14,69 |
| Grendene | GRND3 | -15,24 |
| 3Tentos | TTEN3 | -16,95 |
| Dimed | PNVL3 | -26,6 |
| Lojas Renner | LREN3 | -26,76 |
| Ibovespa | IBOV | -7,66 |

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Dólar valorizado, alta taxa de juros e ruídos políticos instigam investidores a buscarem alternativas

FUNDAMENTA/DIVULGAÇÃO/JC

Com a decisão do Banco Central brasileiro por interromper o ciclo de queda na taxa de juros que vinha ocorrendo desde agosto de 2023 e manter a Selic no patamar atual, em 10,50% ao ano, o momento é de cautela nas previsões. Com isso, a renda fixa segue no topo das indicações, com destaque para os títulos atrelados à inflação, sejam públicos ou privados.

Lais Martins Fracasso, sócia da Fundamenta Investimentos, ressalta que, quando há expectativa de juros mais altos para os próximos anos, as empresas têm menor predisposição a investir em seu crescimento e seus custos de dívida ficam mais caros. “É as taxas de juros no Brasil só teriam espaço para diminuir se houvesse sinais claros de redução da inflação. Esta, por sua vez, é muito impactada pela alta do dólar e pelo desequilíbrio das contas públicas”, explica Lais.

O que vem ocorrendo na bolsa brasileira neste primeiro semestre é que os investidores não estão acreditando que há espaço para uma redução firme da inflação, o que levaria o Banco Central a manter mais tempo os juros em patamares altos, impactando ne-



Lais diz que empresas têm menos predisposição para investir com juros altos

gativamente os preços das ações nesse período. “O governo federal deve ter um compromisso sério de redução de gastos para passar credibilidade de que está engajado no controle de inflação, equilibrando as políticas fiscal e monetária”, comenta Lais.

Gustavo Bertotti, Head de Ren-

da Variável da Messer Investimentos, lembra que o primeiro semestre foi marcado por ruídos políticos, que precisam passar para que haja uma recuperação, ainda que lenta e gradual, nos meses seguintes. “É muito ruim para o mercado ver o governo revisando metas fiscais e tecendo

críticas ao presidente do Banco Central (Roberto Campos Neto)”, complementa.

Incertezas vindas do exterior, em especial acerca da trajetória dos juros nos EUA, somadas à inflação doméstica acima do esperado e às dúvidas do lado fiscal, levaram os títulos do Tesouro Direto corrigidos pelo IPCA a pagarem taxas mais altas, acima da média histórica, observa Arley Junior, estrategista de Investimentos do Santander Brasil. Além disso, investir nestes títulos é uma forma de proteger parte da carteira contra a variação dos preços, acrescenta.

Ao contrário do esperado em janeiro de 2024, poucos acreditam que a Selic chegue a 9,5% até o final do próximo semestre. Economistas da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) projetam, no entanto, que a taxa Selic deve ser mantida em 10,50% neste ano, sem novos cortes até dezembro.

O momento requer cautela para investir em produtos mais arrojados, como fundos multimercados ou ações de empresas brasileiras, na avaliação do Santander. “Ainda vemos a inflação brasileira conver-

gindo à meta ao longo do tempo e os juros caminhando para um patamar mais baixo, o que ajudaria o mercado de investimentos e levaria a uma migração para produtos de maior risco. Mas a retomada de cortes na Selic depende em parte da queda dos juros nos EUA, que nas nossas projeções foi postergada para o último trimestre”, resume Junior.

O cenário segue benéfico para alternativas de investimentos mais conservadoras, como títulos de renda fixa que, não à toa, registraram as maiores rentabilidades no primeiro semestre, segundo os índices da Anbima. Entre os títulos corporativos, o IDA-DI, índice que acompanha os títulos remunerados pela taxa diária DI, tiveram a maior rentabilidade do semestre, com crescimento de 6,95%.

Enquanto isso, entre as debêntures indexadas ao IPCA, aquelas que contam com incentivo fiscal, refletidas no IDA IPCA infraestrutura, registraram ganho de 2,63% no ano. Os papéis sem incentivo fiscal, no IDA Ex-Infraestrutura, tiveram performance parecida, com avanço de 2,89% no semestre.